

PRECONCEITO NO CONTEXTO ESCOLAR – MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS NEGRAS DO MUNICÍPIO DE ANANÁS (TO)

Wagner dos Santos Mariano¹

RESUMO

Por acreditarmos que a escola não é um campo neutro, onde, após entrarmos, os conflitos sociais e raciais permanecem do lado de fora, mas sim, uma instituição onde convivem conflitos e contradições é que trazemos a baía das discussões o tema: *Preconceito no contexto escolar – Memória e Histórias de Professoras Negras*. É necessário que se busque desvendar o universo dos sujeitos envolvidos no processo educacional. Conhecer essa mulher que atua enquanto professora, de quem tanto se fala em diversos estudos, é no mínimo instigante e fundamental para compreensão da educação que vivemos e que queremos. As docentes que colaboraram com esta pesquisa são do sexo feminino exercendo, as duas, a função de gestora nas instituições de ensino as quais trabalham, mas ambas já atuaram como professoras. Este trabalho retrata as histórias de vida e memórias de professoras negras que atuam no jovem estado do Tocantins. Propomos este trabalho, por acreditarmos que existam relatos e histórias vividas que são relevantes a comunidade educacional e científica acerca de situações discriminatórias e racistas ainda hoje, no século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Mulheres Professoras. História de Vida.

TRACES OF DISCRIMINATION, PREJUDICE AND RACISM IN THE SCHOOL CONTEXT. - A WORD OF TWO BLACK WOMEN TEACHERS

ABSTRACT

It is because we believe that school is not a neutral place, in which all the social and racial conflicts remain outside, but an institution where coexist conflicts and contradictions, that we bring to the topic of discussions : Discrimination , prejudice and racism in the school context . It is necessary to clarify the universe that involves a persons who is related with the educational process . To know the woman who acts as a teacher, from whom so much is said in several studies is, at least, curious and fundamental in order to understand the education we have and that we want. The teachers who collaborated with this research, both of them are female and at this moment they perform a managing function at the educational institution in which they work , where previously performed a teaching work. This research depicts the life stories and memories of black teachers who work in the young Tocantins state. The reason to propose this work is because we believe that there are reports and vivid stories that could be relevant to the educational and scientific communities, relating about the discriminatory and racist situations existing nowadays, and still in the XXI century.

KEYWORDS: Racism. Women Teachers. Life's Story.

¹ Mestre em Ciências Fisiológicas pela Universidade Federal de São Carlos, UFSCar. Doutorando em Biodiversidade e Biotecnologia pela Universidade Federal do Amapá, UNIFAP. Contato: wagnermariano14@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Observa-se “*quão expressiva é a desigualdade racial no Brasil*”, como afirmam Nascimento & Muller (2011). De acordo com as autoras, ocorre principalmente na educação, ou seja, dentro do ambiente escolar. Essas pesquisadoras verificaram que a participação em posto de trabalho de maior prestígio ainda é muito restrita ao negro, sendo mais ainda, a mulher negra. Junto a esta desigualdade estão o preconceito e a discriminação, os quais estão presentes em nossa sociedade brasileira (JESUS, 2002). No contexto escolar, podemos observar a presença do tema racismo, como pontuado por Jesus (2002) em seu trabalho intitulado: *Professoras Negras: Assumindo a identidade étnica e desvelando o preconceito e a discriminação no cotidiano de vida e profissão*:

A escola não é um campo neutro, onde, após entrarmos, os conflitos sociais e raciais permanecem do lado de fora, mas sim, uma instituição onde convivem conflitos e contradições. O racismo e a discriminação racial, que fazem parte da sociedade brasileira, estão presentes na escola, na relação entre os educadores e entre professores e alunos. (GOMES, 1994, p.51)

Ou seja, neste caso, a escola está desenvolvendo uma metodologia de ensino contraditória, na teoria está falando em aceitar o outro, entretanto na prática, no convívio, podemos ver que ocorre o contrário, sendo uma destas ações contraditórias retratadas por Gomes (1994, p.51) “*O próprio fato de não se aceitar que nas escolas existam racismo e discriminação racial, pode ser considerado como um indicador de sua existência. Negar a existência do outro já é a confirmação de sua presença*”.

É necessário que se busque desvendar o universo dos sujeitos envolvidos no processo educacional, que se conheça quem é essa mulher que atua enquanto professora, de quem tanto falamos. Será que somente o fato de ser mulher e de classe trabalhadora determina os problemas, a atuação e a visão de mundo da professora? Qual a interferência dos fatores étnico-raciais na história de vida e prática dessa mulher? (GOMES, 1994, p. 50). Abraçados nestes questionamentos feitos em 1994 é que nos motivou a pensarmos se em 2012 o cenário se modificou. E é a partir desta problemática que desenvolvemos esta pesquisa qualitativa, na tentativa de visualizar e dialogar sobre o tema, sempre balizados pelas histórias de vidas e memórias de professoras negras. O objetivo principal foi verificar se ocorreu e se ainda ocorre, casos de preconceito e discriminação racial, étnica e de gênero com professoras negras, utilizando as metodologias: da história oral e do tipo etnográfica como alicerce de pesquisa.

PROFESSORAS COLABORADORAS DESTA PESQUISA E MÉTODOS PARA COLETA DE DADOS

Foram entrevistadas duas professoras negras, analisando a influência da cor/raça destas em suas carreiras profissionais. O critério de escolha das mesmas ocorreu segundo sexo, a cor/raça, o cargo que exerce na instituição de ensino e a cidade onde moram. Tivemos a intenção de entrevistar mulheres, negras, do ensino primário e que residem no município de Ananás – TO, situada a 520 km da capital do Estado e a 1.326 km da capital

do Brasil. Possui uma população de 9.865 habitantes, sendo 4.981 homens e 4.884 mulheres de acordo com o último censo realizado pelo IBGE/2010.

As docentes que colaboraram com esta pesquisa são todas do sexo feminino, exercendo as duas, a função de gestora nas instituições de ensino, as quais trabalham. Para preservar a identidade individual destas, as apresentaremos com letras gregas: **Professora α** e **Professora β** .

Professora α : 54 anos, natural do Estado de Tocantins, Graduada em Normal Superior, Pós-graduada (*lato-sensu*) em Séries Iniciais; e em Gestão, Coordenação e Supervisão Escolar. Divorciada, mãe de dois filhos (um casal), atua a 26 anos na Educação Básica (iniciando em 1986), exercendo na sua maioria a função de gestora, ocupando em alguns momentos, poucos, a função de regente (docente), sendo isto, ocorrido de 2006 a 2009, num projeto do governo, chamado Pioneiros Mirins.

Professora β : 35 anos, natural do Estado de Tocantins, Graduada em Normal Superior (2004), Pós-graduada (*lato-sensu*) em Gestão Escolar (2008), possui também uma segunda Graduação: Licenciatura em Computação (2012). Atua a 16 anos na Educação Básica (iniciando em 1996), exercendo na sua maioria a função de gestora, exercendo por alguns anos a função, de coordenadora pedagógica (3 anos) e professora (5 anos).

A coleta dos dados ocorreu a partir de entrevistas semiestruturadas que ocorreram nos meses de junho e julho de 2012. Mariano *et al.*, (2012) comenta que as entrevistas semiestruturadas “(...) *valorizam a liberdade do entrevistado de pontuar e descrever fatos que não estavam previstos no roteiro inicial (...)*”, acrescentando, assim, informações relevantes, para a conclusão do que se investiga, ou seja, a existência, ou não, de preconceito na trajetória mulheres negras docentes. Mariano e colaboradores (2012) explicam que a descrição e a delimitação da população base, ou seja, dos sujeitos a serem entrevistados, assim como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem um problema a ser imediatamente enfrentado, já que se trata do solo sobre o qual grande parte do trabalho de campo será assentada.

HISTÓRIAS DE VIDA (RECONSTRUINDO A HISTÓRIA PELAS MEMÓRIAS)

A memória é um conceito crucial que constitui objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento (VIEIRA, 2006). Ela é seletiva e nos faz lembrar de acontecimentos vividos que, por alguma razão, foram significativos e marcaram nossa existência num determinado período (MAUÉS, 2003).

Ao trabalhar com histórias e relatos de vida, é indispensável ver os sujeitos participantes da pesquisa como seres sociais, seres de memória, de cultura e de história (QUEIROZ, 1998). A história oral por ser de natureza abrangente é composta, entre outras, pela técnica de história de vida que, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Esta se constituiu a maior fonte humana de conservação e difusão do saber (NASCIMENTO & MULLER, 2011). Thompson (1992) comenta que a história oral trata de vidas individuais e todas as vidas são interessantes, segundo esse autor.

Aline Silva e colaboradoras (2007) descreve e situa o método de História de Vida dentro da ciência destacando suas características singulares dentro da área das metodologias qualitativas. Segundo essas autoras uma característica importante da metodologia qualitativa é a relação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado, que embora perpassada por relações de poder, constitui momento de construção, diálogo de um universo de experiências humanas. Sarat (1998), destaca que a história oral surge como possibilidade de trazer a tona o que há muito as pessoas sabiam, falavam, vivenciavam, através de suas histórias pessoais e das relações estabelecidas na sociedade. Alberti (2000) comenta que a história oral se caracteriza pela interdisciplinaridade e pelas muitas possibilidades de emprego, desde a história política, passando pela história dos movimentos sociais, pela história de trabalhadores, de instituições, até a história da memória.

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E RELAÇÕES SOCIAIS

Previendo que nas histórias e memórias das nossas professoras entrevistadas poderíamos vislumbrar informações ricas sobre as constituições familiares, sociais e profissionais, resolvemos auxiliar na abertura desses baús, os quais apenas as nossas integrantes tinham a chave, a cata de tesouros que podem ter sido importantes na formação docente. Começamos então a falar das memórias de infância.

Pedimos a professora α que nos contasse sobre sua infância e sua relação, nesta época, com a família e os amigos:

Professora α comenta:

[...] “tive uma infância boa, junto com meus pais e família” [...] “Sempre tive uma grande facilidade, falar de amigos na minha vida, eu sempre fui uma pessoa muito comunicativa, muita aberta, muito simples, e muito humilde, certo, então assim, sempre a minha casa, a minha vida, foi ligada a comunidade, eu sempre me doeie à comunidade, eu sempre tive um bom relacionamento, desde a minha infância, aonde eu vivo, aonde eu trabalho, aonde eu convívio na minha vida” [...].

Duas informações cintilam no depoimento desta professora: O bom relacionamento com a família e o relato de sempre ser bem aceita nos ambientes sociais e com isso trabalhar em prol da comunidade, pelos quais passeava durante esta fase da vida. O bom relacionamento familiar parece ter fortalecido os princípios éticos e morais da futura profissional da educação, princípios esses que perpassa por sua vida em suas relações com os amigos na infância. Durkheim (2008, p. 36) comenta que é necessário encontrar as forças morais que estão na base de toda vida moral, de ontem e de hoje, sem desdenhar a priori aquelas forças que, até o momento, existiram sob a forma religiosa, empenhando-nos em descobrir sua expressão racional, buscando atingir a verdadeira natureza dessas forças, despojadas de todos os símbolos. Ferreira (2011, p. 97) sobre essa afirmativa traduz que Durkheim, como estudioso da sociedade, defende que, quando essas forças forem conhecidas, descobriremos como torná-las racionalmente úteis à sociedade, como orientá-las no real sentido do progresso social. A professora α que parece ter compreendido o conceito de moral dentro de sua base familiar e exercitando nas relações sociais com seus amigos, durante a infância.

Ao ser questionada sobre os possíveis casos de preconceito e de racismo sofrido na época de infância, ela nos revela que, nos desfiles cívicos, principalmente de sete de setembro os professores e/ou organizadores dos desfiles só a colocavam, para o papel de escrava, passando assim, durante três anos, com este papel, pois como ela afirma, “*como eu havia aceitado da primeira vez, porque eu nunca tive vergonha, receio, e nem preconceito, de mim*”. No 3º ano (Ensino Fundamental), ela se questiona “*porque eu não posso ser outra coisa*”, a professora comenta que não chegou a discutir, entretanto, pediu, para que a colocasse em outra função, então a partir deste ano ela passou a exercer outros papéis, como de índia, posteriormente o de floresta. A medida que foi compreendendo que existiam outros papéis sociais que ela poderia exercer, questiona, se posiciona e sua atitude demonstra que surgia uma menina que começava a perceber sua importância como ser social, ser pensante e poderia contribuir de várias formas para sociedade, com isso surge novos papéis.

Ao falar de sua relação com a família, relata que são todos unidos, “*nós temos um laço, uma interação familiar*”, ou seja, é nessa união/relação familiar que sempre existiu que a menina estudante tornou-se a mulher profissional, reforçando a importância do estímulo e de uma estruturação² familiar consolidada para o sucesso escolar. A professora comenta ainda, que nenhum membro da sua família foi vítima de preconceito e discriminação:

[...] da minha família, a que é mais morena³ sou eu, inclusive às vezes eu até brinco com meu irmão, que ele é claro, branco, do cabelo fogueiro, esse que é o negro² verdadeiro, não é eu. Mas a mais escura² sou eu [...] às vezes, até brinco dizer que o meu pai me fez de noite” (risos) (Professora α).

Durante o relato acima verificamos que a professora se apresenta como: *morena, a mais escura*, mas utiliza o termo *negro* apenas a seu irmão. Durante a entrevista e até mesmo antes, quando fomos apresentar o projeto, a professora sempre deixou claro que se sente pertencente a raça⁴ negra, mas ao analisarmos o discurso acima nos deparamos com o seguinte questionamento: as expressões acima foram colocadas apenas como forma de expressão ou será que existe a dificuldade em se expressar, se identificar de fato com a raça negra? Buscamos tentar responder esse nosso questionamento nos estudos linguísticos, mais especificamente nos conceitos da Análise do Discurso (AD) e verificamos que Pêcheux (1988 apud GUERRA & SOUZA, 2006, p.19) afirma que o sujeito, a para a AD, é uma posição descentrada de si, determinada por fatores de ordem sócio-histórico-cultural. Não é origem daquilo que diz, e nem representa fidedignamente a realidade, pelo contrário,

² A estruturação familiar consolidada que nos referimos não está embasada apenas nos conceitos familiares que popularmente e historicamente conhecemos, onde existe: o pai, a mãe e os filhos. Entendemos que existem outras formatações familiares que também podem estruturar uma criança nos aspectos biológicos, sociais e psicologicamente.

³ *Grifo nosso*

⁴ Existe muita polêmica no meio acadêmico quanto ao uso do termo raça. A antropologia rejeita essa terminologia, preferindo etnologia, pela relação que existe entre esta e a antropologia física, fazendo a ligação entre raça e a afirmação de que existem raças superiores e inferiores. Muitos autores não chegam a um acordo sobre a utilização do termo, em virtude de antecedentes históricos ligados à ideia de dominação político-cultural (GOMES, 1994, p. 51). Munanga, (1999) comenta que se cientificamente a “raça” é um conceito pouco significativo, política e ideologicamente ele é muito significativo, pois funciona como uma categoria etno-semântica, isto é, política e econômico-social de acordo com a estrutura de poder em cada sociedade multirracial. Como Gomes (1994) optamos pelo termo raça para discutir as relações raciais na sociedade brasileira como um conceito relacional que se constitui, histórica e culturalmente, a partir de relações concretas entre grupos sociais em cada sociedade.

ele é interpelado e falado pelos discursos que atravessam sua existência enquanto indivíduo e é representado no/pelo dizer. Assim, esse sujeito não fala de si, mas de um lugar em que esse “si” ocupa na sociedade, apresentando o que lhe é permitido e exigido dizer, salvaguarda o oposto: o não permitido e nem exigido, mas o desejável. Embasados neste conceito, verificamos que a professora apresenta-se, fala de “si” de uma maneira parcial, ou seja, ela diz que nunca teve problemas em se aceitar, mas não fala em aceitar-se em relação a que? Mesmo que esse “que” esteja implícito no questionamento. Segundo Hall (2005), o sujeito tem dentro de si identidades contraditórias, apontando em múltiplas direções, o que configura em identificações continuamente deslocadas. Em outras palavras, “a identidade é uma celebração móvel em que se forma e se transforma em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Ela relata que estudava num povoado, chamado Tamboril, município de Nazaré – TO, a qual tinha algumas dificuldades, como, de transporte *“pra ir a escola, não era muito perto, a gente tinha que andar... estudava em uma casinha de palha cercada de palha, e simplesmente um quadrozinho com giz e o professor”*. A infância humilde e as adversidades da época não a impediram de estudar, aliás, a professora nos conta que os pais sempre fizeram questão de priorizar a escola.

Professora β comenta:

[...] Foi uma infância assim, de ser feliz no meu mundo, eu não era muito de sair, eu era mais de ficar em casa, na verdade, mas eu tinha as minhas amizades, não muitas, mais tinha [...]

Ela relata que sempre foi gordinha, sendo isto, como afirma a mesma, um problema, que a fazia, auto-excluir, contudo ela (professora β) relata que hoje ela é diferente, já se aceita, mesmo não sendo de sair, por não gostar, também comenta que *“(...) a gente sabe que na escola tem sempre aqueles meninos que “enchem o saco”, olha o gordinho, então isto aí, inibe a gente de às vezes está chegando próximo a uma pessoa, de está chamando você de um apelido que não gosta. O que hoje é o chamado, bulling (...)”*. O relato da professora β vem carregado de simbologia, que podemos conversar sem a pretensão de afirmarmos nada, apenas trazer a baía das discussões. Os relatos parecem sinalizar que a obesidade era o principal dilema em sua infância e não a cor da pele. A própria professora comenta que o que sentia, em relação a alguns colegas era a presença do assédio moral ou popularmente bulling.

Ao ser questionada sobre a relação com seus pais, irmãos e ciclo de amizade nesta época, ela relata que tinha uma relação boa com seus pais *“(...) sempre faziam o que eu queria (...)”* e ao falar dos irmãos relata que todos são negros, tendo também um relação de amor entre os mesmos. Entretanto, em relação aos amigos, principalmente na escola, diz ter sofrido muito, como a mesma retrata:

[...] Não sei se devido a minha cor, mas teve vezes que crianças que não queriam sentar perto de mim, não sei se pelo fato de ser negra, ou por eu não dar muita atenção [...]

 (Professora β)

Mesmo assim afirma a mesma que não baixou a cabeça pra isto, não desistiu, não chegou a discutir por causa disso, mas segundo ela *“é chato né, você está num ambiente que você não tem o respeito que deveria ter, mas isso acontece”*. Os relatos da Professora β apontam para a presença de ações discriminatórias em sua história de vida, marcado ora por discriminação

dos seus colegas ou por se auto-discriminar, tanto em relação a cor da sua pele, como por estar fora do peso.

As informações pontuadas pelas duas professoras, nos leva a necessidade de conversarmos sobre Identidade, Singularidade e Alteridade. Segundo Laing (1986: p.78), “não podemos fazer o relato fiel de "uma pessoa" sem falar do seu relacionamento com os outros.” Já Silva (2001) conclui que a identidade é definida pela relação do indivíduo na relação com outros indivíduos, isto é, cada indivíduo se completa e se efetiva no relacionamento com os que estão à sua volta, em seu convívio. É na relação entre o EU e o OUTRO que se constrói a identidade do EU. Enquanto a identidade diz respeito ao reconhecimento, a singularidade articula todos os elementos que costumemente constatamos quando definimos a identidade do indivíduo, isto é, como nos sentimos, nossos desejos, nossas atitudes em determinados contextos, em suma, tudo o que diz respeito ao nosso ego. A singularidade, no sentido de Guattari, não é apenas diferente: é mais ampla. Se afirmo, “sou fulano e estou aqui”, apenas me identifico. A minha singularidade é muito mais complexa do que a afirmação de quem sou eu; ela resulta do cruzamento das várias formas do meu SER em relação às pessoas e às estruturas que me cercam.

MEMÓRIAS DE ADOLESCÊNCIA E RELAÇÕES SOCIAIS

Ao relatar a adolescência, a professora α , diz ter tido muita dificuldade, pois, quando ela tinha treze anos, sua família se mudou para Ananás – TO, chegando lá, esta foi trabalhar de doméstica com um casal comerciante. Ela diz que era muito difícil trabalhar e estudar: “*trabalhava de sábado a sábado*”, entretanto afirma que este casal lhe tratava muito bem, como se fosse filha deles, lhes dando roupas, reformando as que as filhas deles não queriam mais, pra dá pra ela. Ela afirmou que sempre teve muita facilidade em fazer amigos. Ao contrário da professora β , que afirma, ter fechado mais o seu ciclo de amizade, como relata:

(...) ai já foi mais restrito, porque você chega numa idade avançada, vai começando ver as coisas diferentes, mas assim, sempre tive as minhas amizades, embora poucas, mas sempre amizades que valorizam a pessoa não pela cor, não por o que ele tem financeiramente, amizade verdadeira mesmo, sabe? (...). (professora β)

AS INFLUÊNCIAS FAMILIARES E A FORMAÇÃO DOCENTE

Os pais das entrevistadas não possuem ensino superior, entretanto lhes deram apoio na escolha de suas profissões, conforme relato:

[...] pela questão da necessidade, então todo mundo via uma oportunidade de arrumar um serviço, na época em que eu comecei o professor era valorizado, não financeiramente, mas respeitado por todos [...]. (Professora β)

[...] quando eu decidi ser professora, a família toda, me apoiou [...]
(Professora α)

Em relação à influência, Professora α , relata não ter nenhum irmão, parente na época, com curso superior, relatando que apenas seus sobrinhos estudam. Já a Professora

β , comenta que na época, só ela quis estudar, no entanto hoje, tem uma irmã que estudou, concluindo o Ensino Médio. A mesma (Professora β) ainda pontua ter passado por dificuldades financeiras durante a graduação, entretanto batalhou e conseguiu concluir o curso.

Ao retratar o período de faculdade a Professora β comenta:

[...] Na faculdade foi um período bom, um período de aprendizagem, em que a gente tinha aquele respeito, havia apenas três negros na sala de aula [...] o meu ciclo de amizade era maior na faculdade [...].

Em relação à escolha da profissão, todas responderam, ter feito por necessidade, por falta de opção, que como afirma (Professora α), “*saia pra estudar ou continuava nas cozinhas alheias, comércio, alguma coisa [...]*”. A escolha pela profissão docente se deu nos dois casos, como forma de mudança social, de padrão de vida e principalmente pela busca do conhecimento.

PROFISSÃO DOCENTE E RELAÇÕES SOCIAIS

Elas relatam ter gostado da atuação docente, sendo isto confirmado pelo seguinte comentário:

[...] foi bom, os meus alunos até hoje, onde me vêem, me chamam de professora [...] Hoje eu tenho prazer com o que eu faço [...] (Professora β).

Esta mesma professora relata ter começado a profissão docente, antes mesmo de ter terminado o magistério, que segundo ela era um curso profissionalizante em que a qualificava para trabalhar com séries iniciais.

Ao serem questionada sobre vivências em situações discriminatórias e racistas que poderiam ter sofrido durante este período de suas vidas, estas relatam:

[...] eu sempre tive sorte, de ter um relacionamento, de tratar bem as crianças, por isso, via nestas, um ato recíproco, de carinho por mim [...] (Professora α)

[...] Devido ao adoecimento de uma professora, eu a substitui, durante uns três meses, e lá tinha uma menina, ai eu cheguei à sala, e ela olhou pra mim, e falou, a senhora vai ser a nossa professora? E eu disse: vou, e ela respondeu, pois eu não quero, ai eu perguntei pra ela, por quê? Ai ela disse: por que eu era negra, acho que ela tinha uns quatro anos de idade... Ai eu fiquei, dei a minha aula, ela ficou meu receosa, não ia onde eu estava, eu fui lá onde ela estava levar a atividade [...] Daí ela começou a interagir [...] Então quando eu saí, onde me via, era tia pra cá, tia pra lá [...] (Professora β)

Temos acima duas situações distintas: uma professora que relata ser aceita e outro relato que demonstra uma situação de discriminação que ocorreu com uma aluna de quatro anos de idade. No primeiro exemplo, professora α , verificamos que a professora aponta que teve “sorte”, ou seja, com esta afirmação demonstra que vislumbrava a possibilidade de sofrer atos discriminatórios, mas isso não ocorreu por se relacionar bem com as crianças. Já o segundo caso, da professora β , verificamos que a professora, logo de início, teve que encarar uma situação constrangedora com uma criança de apenas quatro anos de idade – sua aluna, mas sua postura de segurança e de compromisso com o ofício docente foi eficiente, manobrou a situação e mostrou para a aluna que a cor da pele da professora não era um problema a ser enfrentado. O relato da aluna que “discriminou” a professora em sua primeira aula nos remete a pensar nos escritos de Norbert Elias sobre o processo civilizatório. Ao que parece a menina/aluna trazia consigo a errônea ideia de que uma mulher negra não tinha habilidade para ser uma professora, ou pior - a sua professora. Elias (1994, apud SARAT, 2009 p. 108) comenta que todo indivíduo nasce num grupo que existia anteriormente, e é nesse grupo que ele precisa se identificar, aprender sobre a sua organização e os seus comportamentos, para que possa se tornar parte dele. Não precisamos ir muito longe para afirmar que uma criança de quatro anos de idade recebeu esta informação do grupo ao qual está inserida, sua família ou qualquer outro ambiente que ela transita ou transitou.

Pedimos as professora que nos contassem um pouco sobre a relação com companheiros (as) de trabalho, como havia sido o convívio. Então, a professora β , lembrou-se do seguinte caso:

[...] fui numa confraternização, numa chácara, chegando lá, fui lavar minhas roupas num córrego de lá, levamos carne, levamos tudo pra lá, enquanto minhas colegas (professoras) ficaram assando a carne, eu fui lavar as minhas roupas, aí uma colega minha disse assim, eita! A β deve estar com medo de ter ficado lá sozinha lavando roupa, aí a outra professora fala, não! Ela não deve estar com medo não, pois, invés dela ter medo, quem tem de ter são os bichos, porque ela parece um gorila, eu não cheguei a ouvir, outra pessoa me falou, era um caso de eu ter processado ela, pra mim foi uma discriminação [...] (professora β)

[...] eles se sentiam por cima, superior a mim, e me achavam pequena, isto pelas mulheres, que não me aceitava como gestora... Eu sentia um receio por parte destes, devido a estes dois fatos (cor de pele, e de ter sido indicada por um político ao posto de gestora)

Os relatos acima apontam para situações clássicas de racismo e de discriminação. Goffman (1982, p.11) comenta que, ainda que tenhamos diferenças culturais, somos todos iguais em todos os lugares. Somos iguais, sobretudo, porque temos a mesma natureza humana universal. Se somos tão iguais, então por que também nos igualamos na necessidade de dissimular, de adotar e representar papéis conforme as circunstâncias e as exigências do grupo? Isto não seria uma deformação do indivíduo? Afinal, como explicar os preconceitos, a submissão dos indivíduos à coerção do grupo se somos todos membros de uma mesma natureza humana universal? O fato de sermos negros ou não, feminino ou masculino, heterossexual ou homossexual, judeus ou cristãos, não deveria ter tanto peso

nas relações entre os indivíduos e entre estes e os grupos sociais. Mas tem! Não nos iludamos (GOFFMAN, 1980; 1982; SILVA, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser mulher negra e professora em um país como o Brasil implica um redimensionamento desses dois papéis, desmontando todos os estereótipos e estigmas historicamente criados. Requer ver-se como negra e profissional. E ver-se como negra envolve reconhecer-se como sujeito negro, possuindo um papel político na construção de uma prática pedagógica que desvele o racismo presente no ambiente escolar e aponte alternativas de mudança no trabalho que a escola vem realizando. A professora negra, enquanto sujeito, é portadora de valores culturais que refletem as suas representações sobre o que é “ser negra” e “ser mulher” na sociedade brasileira. Saber-se negra é algo que só pode ser dito pela própria mulher negra. Expressar-se como mulher negra é traduzir diferentes conflitos: raciais, de gênero, sociais e políticos (GOMES, 1994). Observa-se por esta afirmação, quão difícil é este processo de aceitação da identidade étnica, como outras, pela pessoa. Fato que muitas vezes gera inquietações na mesma, não só, por a falta de aceitação a si, como por ações de preconceito sofrido, como podemos observar pelo seguinte relato de uma das entrevistas ao ser questionada sobre sua auto-aceitação: [...] *Já me perguntei, meu Deus porque eu sou negra? Devia não ser [...]* (Professora β).

A mesma professora relata que “[...] às vezes eu brinco muito aqui na escola, dizendo a eu não gosto de ser negra, se eu pudesse eu não seria, na questão de emprego, tem uma vaga de emprego, vão duas pessoas, uma loira e uma negra, quem fica com o serviço geralmente é a loira, independentemente de capacidades ou não, simplesmente pelo estereótipo,... É neste sentido que eu me revolto, as pessoas têm que me olhar não pela minha cor, e sim, pelo o que eu consigo fazer” [...]. (Professora β). A frase grifada acima, demonstra a verbalização da professora sobre o que sente ainda hoje, explícita que se pudesse escolher não seria negra, não por não aceitar a cor da sua pele e sim por verificar, no século XXI, que o ser humano é inicialmente aferido pela sua cor e não por suas qualificações e habilidades.

Indo em direção contrária a professora α , já tem outra visão de mundo. Ela relata que não teve, e não tem nenhum preconceito, receio, vergonha, de si, comentando: [...] *Quanto ao negro, eu sempre gostei da minha cor, eu tenho orgulho de ser esta pessoa mulata [...]* (Professora α). Como demonstrado, apreciamos e mergulhamos em duas histórias de vida, duas profissionais da educação negras, cujas memórias demonstram que em suas trajetórias existem exemplos de superação, de momentos discriminatórios e principalmente de compreensão da importância de trazerem o tema para discussão. A pertinência, a relevância do tema e as singularidades expressas nos relatos orais apontam que a problemática ainda não oxidou com as contínuas sensibilizações feitas dentro em fora dos muros escolares, ou seja, a luta continua.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. *O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2000.

DURKHEIM, E. *A Educação Moral*. Trad: Raquel Weiss. Vozes editora, Petrópolis, 2008.

FERREIRA, A. *Educação Moral como autotrolo e racionalização: Lendo Durkheim sob o olhar de Norbert Elias*. In: SOUZA, E.F.; SIMÕES, J.L. **Escritos a partir de Norbert Elias**. V.II, Editora Universitária UFPE, Recife, 2011.

GOFFMAN, E. *Elaboração da face - uma análise dos elementos rituais na interação Social*. In: FIGUEIRA, S. A. (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., (p. 76-114), 1980.

_____. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Ri de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

GOMES, N. L. *Professoras Negras: Identidade e Memória*. Educ. Rev. Belo Horizonte– MG, (18/19), 49-58, 1994.

GUERRA, V. M. L.; SOUZA, J.B. Identidade e Representação Cultural do preso em “Estação Carandiru”. In: NOLASCO, E. C. & GUERRA, V.M.L. (Org.). *Discurso, Alteridades e Gêneros*. São Carlos: Pedro & João Editores, 288 p. 2006.

HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. [Trad. Tomas T. da Silva & Guaciara, L. Louro]. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JESUS, R.F. *Marcas de Preconceito e Discriminação no Cotidiano de Professoras Negras*. Anais do 13º Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, 2003.

_____. *Professoras Negras: Assumindo a Identidade Étnica e Desvelando o Preconceito e a Discriminação no Cotidiano de Vida e Profissão*. Anais da 25ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2002.

LAING, R. D. Identidade Complementar. In: LAING, R. D. *O Eu e os Outros- O Relacionamento Interpessoal*. Petrópolis: Vozes. 1986

MARIANO, W.S.; SOUZA, L.T; NUNES; W.A.; BARBOSA, E.B. Memórias e Histórias de Vida de Professores Universitários de Biologia. In: MARIANO, W.S. *Reflexões e Diálogos sobre Educação. Sociedade e Ambiente*. São Carlos: Pedro & João Editores, 218p. (Série Diálogos Contemporâneos, v.1), 2012.

MAUÉS, O.C. *Reformas Internacionais de Educação e Formação de Professores*. Cadernos de Pesquisa, n. 118, p89-117, 2003.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes. 1999.

NASCIMENTO, C.; MULLER, M. L. R. *A Influência da Cor/Raça na Trajetória Profissional de Professoras Negras*. Ondina – BA, 2011.

QUEIROZ, M. I.P. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O. *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice, 1998.

SARAT, M. Relações entre gerações e processos “civilizadores”. In: GOETTERT, J. D. & SARAT, M. (Org.). *Tempos e espaços civilizadores: Diálogos com Norbert Elias*. Dourados (MS): Editora da UFGD, 272 p. 2009.

_____. *Lembranças de infância: que história é esta?* Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de Piracicaba. 203p. Piracicaba.1998.

SILVA, A.P.; BARROS, C. R.; NOGUEIRA, M. L.; BARROS, V. A. “*Conte-me sua história*”: reflexões sobre o método de história de vida. *Mosaico: estudos em psicologia*. Vol. I, n. 1, p. 25-35, 2007

SILVA, A. O. *Maurício Tragtenberg: Identidade e alteridade*. Revista Urutágua, Ano1 – nr. 1- Maringá (PR), 2001.

THOMPSON, P. *A Voz do Passado - história oral*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, M. C. *Memória, História e Experiência: Trajetórias de Educadores de Jovens e Adultos no Brasil*. Tese de Doutorado, UFMG, 383p. Belo Horizonte, 2006.